

## A ESTRATÉGIA MARÍTIMA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA PARA O ATLÂNTICO SUL

Turíbio Gonçalves<sup>1</sup>

Mariana Corbellini<sup>2</sup>

### RESUMO

O Brasil através, principalmente, de seu desenvolvimento econômico apresentado nas últimas duas décadas, vem se estabelecendo no sistema internacional como uma potência emergente que pretende, em conjunto a outros países, participar de forma mais ativa da dinâmica do sistema internacional. No escopo da Política Externa e do Poder Militar, o país vem desenvolvendo um discurso afirmativo e pragmático para o seu entorno estratégico, com ênfase para o Atlântico Sul. Isto posto, o presente artigo tem por objetivo, através de uma análise bibliográfica e documental, avaliar os componentes que tornam esse oceano tão importante para o país e, após, sistematizar a evolução do Pensamento estratégico naval Brasileiro até a Estratégia Nacional de Defesa (END) de 2008. Assim, à guisa de conclusão, pode-se afirmar que a atuação conjunta da Política Externa e das Forças Armadas na região constituirá a base para que se crie a almejada liderança política e militar do Brasil no Atlântico Sul, tendo como base os pressupostos contidos na END.

**Palavras-chave:** Atlântico Sul; Estratégia Nacional de Defesa; Poder Militar; Política Externa.

### 1 INTRODUÇÃO

O ascendente protagonismo brasileiro no sistema internacional tem impulsionado o país a galgar novas posições e responsabilidades no sistema. A busca pela liderança regional na América do Sul e a participação destacada em diversos fóruns de governança global representam um processo de afirmação do

país como um dos principais atores emergentes mundiais. Nesse sentido, existe a tendência crescente de engajamento do país nas discussões e nas resoluções de problemas e controvérsias do cenário político internacional.

A reabilitação das capacidades de defesa do país é fundamental para que este respalde seu maior exercício de influência regional e global. Para atingir esses objetivos, o Brasil vem se mobilizando nacionalmente e internacionalmente, visando se preparar para os desafios que se apresentam na área de defesa e segurança e, dessa forma, adequar as atuais capacidades às suas pretensões em política externa.

Exemplo desse esforço foi a elaboração da Estratégia Nacional de Defesa (END), aprovada em 2008 pelo Decreto nº 6.703. Com ela, o Brasil busca fortalecer as Forças Armadas visando maximizar suas capacidades de defesa do território nacional, além de projetar influência no seu entorno estratégico.

No que concerne à Marinha, foram contempladas todas as esferas de atuação desta, ou seja, o componente submarino, o componente de superfície e o componente aeroespacial. Parte importante da END é o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), em conjunto com a França, que visa construir em solo nacional quatro submarinos convencionais e um de propulsão nuclear, todos da classe *Scorpène*<sup>1</sup>. Ao concluir o Programa, o país terá um importante ganho estratégico para a defesa da costa marítima, proporcionando à Marinha a capacidade de negação do uso do mar ao inimigo<sup>2</sup>.

A maior ênfase dada, inicialmente, ao PROSUB, vai ao encontro dos objetivos primários da END no âmbito marítimo, que a curto prazo estabelece que entre as tarefas estratégicas a cargo da Marinha – negação do uso do mar, controle de áreas marítimas<sup>3</sup> e projeção de poder sobre terra<sup>4</sup> – será dada prioridade à primeira, “contando-se, para tanto, com uma força submarina de envergadura, composta de submarinos convencionais e de propulsão nuclear” (BRASIL, 2008, p. 21). A opção

---

<sup>1</sup> Os *Scorpène* são uma classe de submarinos fabricados pela empresa francesa DCNS.

<sup>2</sup> Caracteriza-se “quando um oponente é impedido de utilizar uma área do mar para seus propósitos” (BR 1806, p. 289; tradução livre).

<sup>3</sup> Ocorre “quando se tem liberdade de ação para usar uma área de mar para os seus próprios fins, por um período de tempo e, se necessário, negar o seu uso a um adversário, incluindo também o espaço aéreo acima da superfície e o fundo marinho” (BR 1806, p. 289; tradução livre).

<sup>4</sup> Caracteriza-se pelo “uso de forças militares marítimas para influenciar diretamente os acontecimentos em terra. Variando de invasões substanciais para conquista de território em uma extremidade do espectro, para ataques de menor escala e bombardeios navais na outra extremidade” (TILL, 2013, p. 184; tradução livre).

inicial por essa tarefa ocorre em função de que “a negação do uso do mar ao inimigo é a tarefa que organiza antes de atendidos quaisquer outros objetivos estratégicos, a estratégia de defesa marítima do Brasil” (BRASIL, 2008, p. 20).

Contudo, em um contexto geográfico e temporal mais amplo, faz-se necessário pensar no papel de liderança que o Brasil, através do Ministério das Relações Exteriores (MRE) e Ministério da Defesa (MD), busca exercer de forma mais incisiva na região do Atlântico Sul. A negação do uso do mar é o pilar que tornará possível a construção de uma estratégia para toda a região, porém, se as próximas etapas das tarefas estratégicas a cargo da Marinha – controle de áreas marítimas e projeção de poder sobre terra – não forem concretizadas, o país poderá perder influência geopolítica na região e tornar as iniciativas de cooperação, como, por exemplo, a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS)<sup>5</sup>, mais improváveis de evoluir.

O aumento da importância estratégica do Brasil acontece em um momento em que o país aspira estabelecer-se como uma das maiores economias do planeta, buscando participação direta de maior vulto na política internacional, comprometendo-se, entre outras relações, com uma maior participação no compartilhamento das responsabilidades de segurança no sistema internacional. Neste sentido, o desenvolvimento do debate sobre defesa e política externa deve fazer jus às aspirações proporcionadas pelo crescimento econômico.

Considerando a repercussão e atualidade do debate sobre a importância do espaço marítimo do Atlântico Sul para o Brasil, o presente artigo procura, tendo por base uma pesquisa bibliográfica e documental, analisar inicialmente os componentes que tornam esse oceano tão importante para o país e, após, sistematizar a evolução do pensamento estratégico naval brasileiro até a END de 2008. A partir disso, será possível analisar teoricamente, com conceitos do Realismo Ofensivo e do Poder Marítimo, se o cumprimento das tarefas que a END delimita à Marinha constituirá, ou não, a base para que se crie a liderança política e militar do Brasil no Atlântico Sul. Os argumentos apresentados neste artigo não visam, obviamente, fornecer respostas definitivas para um tema ainda em discussão, mas oferecer elementos

---

<sup>5</sup> Acordo que busca promover a cooperação regional e a manutenção da paz e segurança na região do Atlântico Sul. Foi criada em 1986, após uma iniciativa do Brasil que resultou na resolução 41/11 da Assembleia Geral das Nações Unidas. Seus membros atuais são: África do Sul, Angola, Argentina, Benim, Brasil, Cabo Verde, Camarões, República do Congo, Costa do Marfim, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Libéria, Namíbia, Nigéria, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Togo e Uruguai.

que propiciem uma visão mais substantiva sobre o papel do país e, mais especificamente, da política externa e da Marinha do Brasil no contexto de segurança do Atlântico Sul.

## **2 A IMPORTÂNCIA DO ATLÂNTICO SUL PARA O BRASIL**

A região que compreende o Atlântico Sul está situada entre a costa leste sul-americana e a costa oeste africana. Ao sul limita-se com o Oceano Glacial Antártico na altura do paralelo 60° Sul, onde vigoram os limites do tratado antártico, e ao norte com o eixo Natal-Dacar, ponto de menor distância entre o continente africano e subcontinente sul-americano (FLORES, 1984).

O mar sempre teve um papel importante na história brasileira, afinal foi pelo mar que chegaram os portugueses em abril de 1500. As primeiras ocupações do território também se deram na costa marítima do Brasil ao longo dos séculos subsequentes. Sendo assim, esse oceano sempre exerceu papel destacado para o país, mesmo que no âmbito internacional o seu papel seja marginal. De acordo com Silva (2014, p. 201), o Atlântico Sul “tradicionalmente, tem sido um espaço marítimo de menor importância relativa. Em termos de via de comunicação e de transporte marítimo, este oceano, na dimensão global, é periférico”.

Porém, ao falar-se de periferia no contexto global, isso não deve ser entendido como insignificância. O Atlântico Sul tem uma importância relativa ponderável. No caso norte-americano, por exemplo, cerca de 20% do seu transporte marítimo foi realizado através deste oceano em 2009 (SILVA, 2014).

Atualmente, além de ser responsável por interligar a América do Sul à África, a região tem um peso político, econômico e estratégico para o Brasil que pode ser equiparado ao da Amazônia. Em função dessa comparação, em 2004 foi cunhado o termo “Amazônia Azul” pelo Almirante Roberto de Guimarães Carvalho, que tinha o propósito de destacar a importância desta faixa do oceano.

A área da Amazônia Azul abrange a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) de 200 milhas náuticas, com uma superfície de 3.539.919 km<sup>2</sup>, enquanto a Plataforma Continental (PC), até 350 milhas náuticas, correspondendo a 960 mil km<sup>2</sup>. Somando-se ambas, a abrangência atinge 4.499.919 km<sup>2</sup>, ou praticamente 4,5 milhões km<sup>2</sup>, o que acrescenta uma área marítima equivalente a mais de 50% da extensão territorial brasileira (BRASIL, 2008). O governo brasileiro pleiteou o reconhecimento da PC na

Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC) da Organização das Nações Unidas (ONU), apresentando sua proposta em 2004 (WIESEBRON, 2013).

Em 2007, após análise realizada por um grupo de peritos, a ONU se manifestou contrária à ampliação da PC nos moldes do pedido pelo Brasil. A organização recomendou a reformulação da proposta, por não concordar com a reivindicação de cerca de 190.000km<sup>2</sup> do apresentado, ou seja, cerca de 20% do pedido de extensão (SILVA, 2011).

No ano de 2010, o Brasil antecipou a decisão final e estabeleceu unilateralmente os limites de suas águas jurisdicionais de acordo com o pedido à ONU em 2004. Sendo assim, ampliou-se em aproximadamente 953 mil quilômetros quadrados seu limite. Agindo dessa forma, o Brasil assegurou-se da posse de eventuais recursos oriundos da área e autodeterminou-se como único agente passível de realizar estudos na área (MARTINS, 2010).

O Brasil vem buscando a exploração econômica exclusiva da região, com base na Convenção das Nações Unidas para o Direito do Mar (CNUDM), cujo princípio regente é o da equidade. Tal princípio foi assimilado ao Direito Internacional como direito costumeiro e, em conjunção com o princípio do consentimento mútuo, acabou por formar a base do artigo 6º da Convenção de Genebra, de 1958, substituído posteriormente pelo sistema de linhas de base<sup>6</sup> (art. 76) na CNUDM (MORE; BARBOSA JR., 2012). Dessa forma, buscou-se estabelecer um sistema que proporcionasse igualdade de oportunidades entre os países no Direito Internacional do Mar.

Na PC, como supracitado, o país exerce direitos de soberania para efeitos de exploração e aproveitamento dos seus recursos naturais, porém, vale ressaltar que a extensão da área importa não só em incorporação de riquezas e direitos de soberania. Proporcionalmente aos direitos, decorrem as responsabilidades e as obrigações, e estas cabem, prioritariamente, à Marinha do Brasil. Como exemplo dessas responsabilidades, pode-se citar as atividades de patrulha e defesa do território marítimo, além das atividades de pesquisa científica. Pereira e Barbosa (2012, p. 66) afirmam que “com essas novas obrigações, o país aumentou sua área

---

<sup>6</sup> “Salvo disposição em contrário da presente Convenção, a linha de base normal para medir a largura do mar territorial é a linha da baixa-mar ao longo da costa, tal como indicada nas cartas marítimas de grande escala, reconhecidas oficialmente pelo Estado costeiro” Tradução livre. (UN, 1982, p. 27).

marítima de 4,5 milhões de km<sup>2</sup> da plataforma continental, para quase 14 milhões de km<sup>2</sup> de monitoração e vigilância”.

Com relação ao peso econômico que a região possui, a atividade da pesca tem grande importância para as comunidades costeiras, sendo a prática que mais carece de vigilância e controle. O combate à pesca predatória, praticada por embarcações estrangeiras com alta tecnologia e que desrespeitam os códigos ambientais, é necessário e, atualmente, ineficaz, resultando em danos econômicos e sociais.

Atividade que também representa grande relevância nesse contexto é a de transporte comercial. O fluxo de comércio constitui-se em um fator de maior importância, especialmente porque aproximadamente 95% das exportações e importações brasileiras passam pelo Atlântico Sul (PEREIRA, 2013). Torna-se importante ressaltar que a atividade de transporte comercial marítimo não se restringe à simples movimentação de cargas entre portos de diferentes regiões do país ou entre diferentes países e regiões do mundo.

Atualmente, o navio é um dos componentes que compõem a moderna cadeia de transportes. A multimodalidade, ou seja, o uso sucessivo de diversos modais – aquaviário, rodoviário, ferroviário e dutoviário –, permite o uso de cada um desses modais onde estes são mais competitivos, o que, conseqüentemente, tem aumentado de forma significativa a eficiência do sistema como um todo (VIDIGAL, 2006).

Nas últimas décadas, o comércio internacional teve seu crescimento aumentado de forma expressiva, tornando o transporte marítimo o principal meio de escoamento da produção dos países exportadores. Fatores como a ascensão da China, o uso dos contêineres e a já destacada eficiência do modal aquaviário trouxeram ganhos, mas também grandes desafios aos países que não possuíam uma forte estrutura portuária, além dos modais complementares aos portos.

O Brasil pode ser encaixado nesse grupo de países, apesar de que os investimentos nesse setor na última década foram expressivos, o que tem diminuído o atraso do país nessa área. Além disso, o país possui uma grande vantagem, em termos comparativos, no que se refere à oferta e quantidade de sítios portuários naturais. O país conta com mais de uma dezena destes sítios distribuídos ao longo dos seus 7.500 km de litoral, em praticamente todos os estados costeiros, com destaque para Maranhão, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (COSTA, 2012).

Além do comércio, com a descoberta e a exploração do pré-sal, a região ganhou ainda maior importância econômica e estratégica. Outro fator que incrementa a relevância econômica deste oceano é o fato de banhar a Antártida, região considerada uma nova fronteira para exploração de recursos naturais (PEREIRA, 2013).

Ao analisar-se a questão do petróleo no Atlântico Sul, percebe-se que sua amplitude é bem maior do que o pré-sal que se encontra nas águas jurisdicionais brasileiras. Nos últimos anos as descobertas de reservas de petróleo *offshore*<sup>7</sup> tem se mostrado cada vez mais expressivas. No contexto dos países da África Ocidental e, principalmente, daqueles que compõem a ZOPACAS, merecem destaque Angola e Nigéria, pelas suas reservas e produção petrolífera.

Segundo Oliveira (2009, p. 20),

atualmente 30% da produção mundial de petróleo já ocorre em águas profundas ou ultra profundas, e a maior região petrolífera offshore do mundo é o Atlântico Sul. Em relação à profundidade das perfurações, a Petrobrás detém 7 dos 15 recordes mundiais de profundidade em plataformas semissubmersíveis e também 7 dos 15 atuais recordes de profundidade.

Conforme o *BP Statistical Review of World Energy 2013* (p. 6), em 2012 a América do Sul e Central contabilizavam 328,4 bilhões de barris em reservas comprovadas, ou 19,7% das reservas mundiais. No mesmo ano, a África contabilizava 130,3 bilhões de barris em reservas comprovadas, ou 7,8% das reservas mundiais. Porém, é importante salientar que no âmbito da ZOPACAS esse número sofre uma grande redução, pois nos dados contabilizados para a América do Sul, 297,6 bilhões de barris estão no território da Venezuela, país que não faz parte da ZOPACAS.

De qualquer forma, países como o Brasil, Angola e Nigéria possuem reservas expressivas que justificam a importância geopolítica do Atlântico Sul. Para efeitos de comparação, a soma das reservas dos continentes circundantes do Atlântico Sul já é muito superior às das regiões Europa e Eurásia (140,8 bilhões de barris), América do Norte (220,2 bilhões de barris) e Ásia-Pacífico (41,5 bilhões de barris), perdendo apenas para o Oriente Médio (807,7 bilhões de barris).

Para melhor visualizar o significado econômico do petróleo para a América do Sul e África, é interessante analisar o processo histórico de evolução das

---

<sup>7</sup> Reservas de petróleo *offshore* são aquelas que se encontram em território marítimo.

reservas e da produção petrolífera dos principais países, resumido em anos selecionados (1992, 2002 e 2012), na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1 – Reservas comprovadas e produção dos principais países petrolíferos da América do Sul e África**

País/Região	Reservas (bilhões de barris)			Produção (X 1000 de barris/dia)		
	1992	2002	2012	1992	2002	2012
<b>América do Sul/África</b>	<b>1992</b>	<b>2002</b>	<b>2012</b>	<b>1992</b>	<b>2002</b>	<b>2012</b>
Argentina	2	2,8	2,5	587	899	664
Brasil	5	9,8	15,3	652	1497	2149
Equador	3,2	5,1	8,2	328	394	505
Venezuela	63,3	77,3	297,6	2499	2974	2725
Angola	1,3	8,9	12,7	550	905	1784
Gabão	0,8	2,4	2	289	256	245
Líbia	22,8	36	48	1473	1375	1509
Nigéria	21	34,3	37,2	2020	2087	2417
<b>Total América do Sul/África</b>	<b>139,3</b>	<b>200,3</b>	<b>458,2</b>	<b>11,774</b>	<b>14,535</b>	<b>16,656</b>
<b>Total Mundial</b>	<b>1039,3</b>	<b>1321,5</b>	<b>1668,9</b>	<b>65,716</b>	<b>74,948</b>	<b>86,152</b>
% do total mundial	13,40%	15,15%	27,45%	17,90%	19,39%	19,33%

Fonte: BP Statistical Review of World Energy 2013.

Nos dados supracitados, com relação às reservas comprovadas brasileiras, os números podem ser ainda maiores, pois no cálculo de 2012 ainda não haviam sido computados campos descobertos recentemente, como por exemplo, o Campo de Libra, que tem capacidade de produção estimada em 8 a 12 bilhões de barris (QUAINO, 2013). Dos países apresentados no gráfico, fazem parte da ZOPACAS: Argentina, Brasil, Angola, Gabão e Nigéria. Somadas, suas reservas atingem 69,7 bilhões de barris, sendo que grande parte se encontra em reservas *offshore*. Todos esses países, incluindo o Brasil, não possuem atualmente poder marítimo<sup>8</sup> capaz de vigiar e defender toda a extensão territorial que estas reservas abrangem.

Em conjunto, os hidrocarbonetos de petróleo e gás natural são as principais fontes de energia da civilização moderna, sendo responsáveis pelo atendimento de aproximadamente 57% da demanda mundial. A mesma dependência se repete no Brasil, se bem que em menor escala, onde cerca de 50% das necessidades

<sup>8</sup> O conceito de poder marítimo empregado no presente artigo é o formulado por Corbett, e se refere a uma visão mais ampla de interação, muito típica do cenário contemporâneo, na qual os elementos de poder terrestre se relacionam com elementos de poder marítimo, estando ambos interligados e relacionados entre si (TILL, 2013).

energéticas nacionais são supridas por estes hidrocarbonetos (HAYASHI, 2013). Isto, apesar de o país contar com outras opções com grande potencial para geração de energia, principalmente, a hidroeletricidade e a bioenergia.

A preponderância adquirida pelos hidrocarbonetos se dá em função das suas vantagens competitivas em relação às demais fontes de energia. Para os próximos vinte anos, as projeções mais conservadoras indicam que a demanda mundial continuará crescendo e ultrapassará a barreira dos 100 milhões de barris diários, sendo que os maiores potenciais para o aumento da produção se encontram em localizações cada vez mais adversas, tais como o Ártico e as águas ultra profundas do Oceano Atlântico, onde está incluso o pré-sal brasileiro (HAYASHI, 2013).

Em decorrência dos fatores econômicos citados, a região vê seu *status* político e estratégico modificado e passa a ser questão de alta prioridade para o Brasil. Há uma expectativa de vivificar os processos de cooperação e tal percepção se apresenta sob a ótica de fortalecimento dos Estados membros da ZOPACAS, através de mecanismos que possibilitem o enfrentamento da concorrência das nações mais desenvolvidas, mediante a obtenção de mais espaço nos fóruns de negociação (GUERRA, 2011).

Sendo assim, faz-se premente uma articulação mais próxima com países africanos de potencial estratégico, como África do Sul, Nigéria e Angola, além da Argentina, no âmbito da América do Sul, conforme argumentou Flores (1987, p. 42),

O sucesso da iniciativa do Brasil depende do aumento da contribuição da Marinha brasileira e de outras Marinhas dos dois lados do Atlântico Sul, isoladamente ou em cooperação mútua [...], condição necessária para que as potências de fora se sintam menos compelidas a manifestarem aqui seu poder naval, a revelia ou contrariando interesses regionais.

Em função deste novo cenário estratégico, a Política Externa e o Poder Militar brasileiro, principalmente no que concerne às atribuições da Marinha, necessitam buscar uma forma de atuação conjunta neste novo campo, pois “vários desses ativos podem tornar-se objeto de dramática competição internacional” (AMORIM, 2012, p. 14).

No próximo tópico será feita uma breve análise sobre as principais fases pelas quais o Pensamento Estratégico Naval Brasileiro se desenvolveu ao longo da história, para que, dessa forma, contextualizem-se as características contidas nas tarefas estratégicas de escopo marítimo propostas pela atual END.

### 3 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO NAVAL BRASILEIRO E A SEGURANÇA NO SEU ENTORNO ESTRATÉGICO

A reflexão sobre o Atlântico Sul para a estratégia naval brasileira pode ser inserida no debate da influência do mar nos rumos de um Estado e até do próprio sistema internacional<sup>9</sup>. Nesse contexto, este oceano sempre representou o mais acessível cenário para a projeção de poder do Estado brasileiro internacionalmente. Porém, ao longo da história do país sua importância variou de governo para governo.

De forma a simplificar e ordenar os momentos pelos quais o pensamento estratégico naval brasileiro passou ao longo da história, Vidigal (1985) sistematizou-os em três fases distintas: a primeira abrange da Independência até 1893, a segunda vai até 1977, e a terceira é a fase atual.

A primeira fase é caracterizada pela ascensão da Marinha como uma das maiores forças navais da época, quando desempenhou um papel fundamental na Guerra do Paraguai. Ao mesmo tempo, o final dessa fase também caracteriza a perda de poder da Marinha, em função do surgimento dos navios de propulsão a vapor na segunda metade do século XIX, que tornou obsoleta a frota de navios à vela do país. O marco que data o fim dessa fase é a Revolta da Armada contra Floriano Peixoto<sup>10</sup> (VIDIGAL, 1985).

A segunda fase vai até 1977 e ficou caracterizada pela crescente dependência, tanto no campo material quanto no das ideias, à Marinha dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria, o pensamento naval brasileiro estava subordinado às concepções estratégicas norte-americanas na defesa das linhas de comunicações marítimas contra ataques dos submarinos soviéticos no Atlântico Sul. Esta subordinação tinha como contrapartida o fornecimento, pelos norte-americanos, de meios necessários para o pleno cumprimento das funções da Marinha brasileira (VIDIGAL, 1985).

No final da década de 1960 e início da década de 1970, quando o crescimento econômico do Brasil abriu a possibilidade para a Marinha modernizar-se, adquirindo

---

<sup>9</sup> Debate que se considera iniciado por Alfred Thayer Mahan, no século XIX, quando elaborou o conceito Poder Naval com dois significados: um restrito, associado com o poder de combate armado no mar, e outro mais amplo, abrangendo todo o espectro de benefícios para o Estado advindo da possibilidade de usufruir do mar sem oposição (LUTTWAK, 2009).

<sup>10</sup> A Revolta da Armada foi um movimento de rebelião ocorrido em 1893 e liderado por algumas unidades da Marinha Brasileira contra o governo do presidente Floriano Peixoto.

meios navais mais sofisticados, o país encontrou uma série de dificuldades para conseguir essas unidades nos Estados Unidos e, nesse contexto, a Europa foi a solução. No entanto, o conceito estratégico naval brasileiro, que enfatizava a guerra antissubmarina, estava subordinado à concepção estratégica norte-americana de defesa coletiva relacionada com a Guerra Fria<sup>11</sup>, e só foi alterado em 1977, com a publicação da Política Básica e Diretrizes da Marinha (VIDIGAL, 1985).

Nesse mesmo ano, o Brasil denuncia o acordo militar com os Estados Unidos, que havia sido assinado em 1952, em face da política do governo Carter (1977-1981) de associar a ajuda militar ao atestado de bons antecedentes, relacionado com os direitos humanos, emitido pelo Congresso norte-americano. Dessa forma, nos anos 1970, a postura naval brasileira se afastou das concepções navais norte-americanas, tanto na busca por novos mercados fornecedores de meios navais, quanto no desenho de um pensamento estratégico voltado para as hipóteses de emprego relacionadas com os interesses brasileiros (SILVA, 2014).

A partir de 1977, inicia-se a terceira fase, que ainda está em curso e caracteriza-se pela reorientação das concepções da Marinha em torno dos interesses nacionais específicos. A busca por novos parceiros internacionais recebe maior ênfase, com foco nos países da América do Sul e África, além de parcerias na compra de material bélico com países europeus, principalmente a Alemanha.

O distanciamento brasileiro, no setor externo e de defesa, com relação aos Estados Unidos aumentou com a recusa do Brasil em participar da Guerra do Vietnã, e a dificuldade para se conseguir meios militares norte-americanos mais sofisticados contribuiu indiretamente para o desenvolvimento da indústria militar brasileira, reduzindo ainda mais a sua dependência militar dos Estados Unidos. Esse distanciamento no campo da política externa foi aprofundado no governo Geisel (1974-1979), quando o Brasil reconheceu a independência de Angola, país associado ao bloco socialista (SILVA, 2014).

Tal ação do governo Geisel ocorreu porque o “continente africano passou a ser visto como uma área na qual o Brasil teria maior facilidade para obter alguma influência regional” (SARAIVA, 2000, p. 10). Além disso, a vulnerabilidade energética do Brasil nos anos 1970 e parte da década de 1980 ocupou papel ponderável na

---

<sup>11</sup> A guerra antissubmarina era um resquício da visão de combate naval resultante, principalmente, dos confrontos da Segunda Guerra Mundial. Após o término da Guerra, os Estados Unidos seguiram com tal visão de estratégia naval e, conseqüentemente, os países que faziam parte do bloco capitalista durante a Guerra Fria emularam tal visão em suas Marinhas.

reaproximação ao continente africano. As duas crises do petróleo, em 1973 e 1979, aceleraram a busca de novas parcerias internacionais. Esses fatos viriam a explicar a superação gradual do comércio quase exclusivo com a África do Sul pelo intercâmbio crescente com outros dois novos parceiros atlânticos: Nigéria e Angola (SARAIVA, 2000).

Além da África, a importância estratégica da América do Sul começou a receber cada vez mais ênfase, com o intuito de que essas duas regiões pudessem desenvolver acordos de integração e cooperação. Isso só foi possível em função da política de aproximação entre Brasil e Argentina, que se desenvolveu de forma mais consolidada a partir da década de 1980.

No mesmo ano de criação da ZOPACAS, em 1986, a integração brasileiro-argentina dava os primeiros passos que levariam à criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em 1991, incorporando o Paraguai e o Uruguai. Tal ferramenta de integração da região, mesmo que encarando adversidades em seu desenvolvimento, tem colaborado para a manutenção da estabilidade regional. Dessa forma, o sucesso do Mercosul pode ser visto como primordial para a criação de uma comunidade de segurança<sup>12</sup> no Cone Sul (BUZAN; WÆVER, 2003).

Nesta última fase foram elaborados projetos importantes como, por exemplo, o Programa Nuclear e o projeto do submarino nuclear, que serviu de base para o PROSUB. Segundo Vidigal (1985, p. 105),

indubitavelmente, a partir de 1977, a Marinha, pela primeira vez de forma plenamente consciente, formalizou, através de documentação adequada, sua concepção estratégica, em consonância com a política governamental e tem procurado, assim, orientar o planejamento e o preparo da força naval e do apoio que ela necessita.

Porém, em função do cenário econômico adverso pelo qual o país passou na década de 1980 e início de 1990, esses projetos passaram por um relativo esquecimento por parte dos governos. De qualquer forma, isso não significou o fim dos desenvolvimentos nos centros de pesquisa da Marinha.

Recentemente, o Brasil vem desenvolvendo um trabalho no sentido de sistematizar a reflexão sobre o papel da defesa no Estado democrático. O

---

<sup>12</sup> Na obra de Deutsch (apud ADLER; BARNET, 1998, p. 6), comunidade de segurança é considerada “[...] um grupo de pessoas que se tornou integrado a ponto de haver real certeza de que membros daquela comunidade não lutariam uns contra os outros, mas sim resolveriam suas controvérsias de outra maneira”.

desenvolvimento deste trabalho vem sendo elaborado desde a primeira Política de Defesa Nacional (PDN I), lançada em 1996, no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, e reeditada em novas bases em 2005, no governo do então Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

A PDN I, contudo, fazia pouca referência à regionalidade brasileira. Neste documento, o entorno estratégico do Brasil limitava-se à América do Sul e ao Atlântico Sul de forma generalizada, ou seja, sem enfatizar as imediações territoriais do Atlântico Sul como regiões de interesse político.

Para o Brasil, país de diferentes regiões internas e de diversificado perfil, ao mesmo tempo amazônico, atlântico, platino e do Cone Sul, a concepção do espaço regional extrapola a massa continental sul-americana e inclui, também, o Atlântico Sul (BRASIL, 1996).

Além disso, este documento limitava-se a enfatizar a atuação da diplomacia na perspectiva da cooperação no entorno regional como forma de viabilizar a segurança por meio de um “anel de paz”, possibilitando empregar esforços em outras questões nacionais. Assim, cabia a diplomacia trabalhar para evitar o conflito nas imediações regionais do Brasil, e à Defesa, em conformidade com uma postura defensiva, preparar-se para repelir uma possível agressão externa, sem mencionar projeção de poder.

O fortalecimento do processo de integração proporcionado pelo Mercosul, o estreitamento de relações com os vizinhos amazônicos – desenvolvido no âmbito do Tratado de Cooperação Amazônica –, a intensificação da cooperação com os países africanos de língua portuguesa e a consolidação da Zona de Paz e de Cooperação no Atlântico Sul – resultado de uma ação diplomática positiva e concreta – conformam um verdadeiro anel de paz em torno do País, viabilizando a concentração de esforços com vistas à consecução de projeto nacional de desenvolvimento e de combate às desigualdades sociais (BRASIL, 1996).

A PDN I, documento inovador na área das relações civis-militares, abriu caminho para criação do Ministério da Defesa e passou a orientar o preparo militar, em sintonia com a política externa. A orientação que transparece na PDN I, no entanto, remete a um patrimônio diplomático e militar, tanto no plano conceitual como no plano instrumental da inserção internacional. Assim, a formulação da PDN I resultou de um somatório de consenso entre as Forças Armadas, o Itamaraty e o governo (OLIVEIRA, 2005).

Já no início do século XXI, “o Atlântico Sul passou a assumir nova importância no pensamento estratégico brasileiro. Sobretudo durante o governo Lula, os laços econômicos, políticos e de segurança foram aprofundados e diversificados” (ABDENUR; MARCONDES-NETO, 2013, p. 220). Em 2005, com a elaboração da nova Política de Defesa Nacional (PDN II), a região volta a assumir um papel fundamental para a estratégia nacional:

O subcontinente da América do Sul é o ambiente regional no qual o Brasil se insere. Buscando aprofundar seus laços de cooperação, o País visualiza um entorno estratégico que extrapola a massa do subcontinente e incluiu a projeção pela fronteira do Atlântico Sul e os países limítrofes da África (BRASIL, 2005, p. 4).

Com a PDN II, em 2005, o país buscou reiterar o comprometimento com relação à integração do continente sul-americano, inclusive na área de defesa e segurança regional, como fundamental para a manutenção da estabilidade na região. Com relação aos assuntos tradicionais de proteção do território nacional e preservação dos recursos naturais, o documento destaca como prioridades a Amazônia e o Atlântico Sul, principalmente, pela riqueza de recursos e vulnerabilidade de acesso pelas fronteiras marítima e terrestre (PAGLIARI, 2009).

O documento aponta a ação diplomática como a ferramenta principal na solução de conflitos e especifica a importância da existência de meios e recursos militares de confiabilidade, capazes de gerar efeito dissuasório. Ademais, ela concebe, em suas orientações estratégicas, as vertentes preventiva e reativa da defesa. A primeira valoriza a ação diplomática como primeiro instrumento para a solução dos conflitos e capacidade militar dissuasória, a última menciona que, em resposta a uma agressão, o país empregará força militar, como exercício do direito de legítima defesa previsto na carta da ONU (PAGLIARI, 2009).

A END, lançada em 2008, representou um segundo e importante passo nesta reflexão, e o Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN), lançado em 2012, aprofundou a discussão e trouxe mais clareza quanto aos reais objetivos e planejamento do desenvolvimento das Forças Armadas. O marco representado pelo lançamento da END e, mais recentemente, pelo LBDN, foi crucial para que se compreenda o entendimento do Ministério da Defesa e das Forças Armadas acerca de sua formulação de estratégia de defesa. Em ambos os documentos entende-se

como prioritária a defesa marítima e a remodelagem da Marinha como pontos fundamentais para o desenvolvimento da defesa.

Neste sentido, vale a menção às diretrizes primeira, segunda, terceira, quarta e nona da END de 2008, que explicitam a relevância do controle, monitoramento, dissuasão, mobilidade e presença, conceitos estes ligados intrinsecamente à Marinha:

1. Dissuadir a concentração de forças hostis nas fronteiras terrestres, nos limites das águas jurisdicionais brasileiras, e impedir lhes o uso do espaço aéreo nacional.
2. Organizar as Forças Armadas sob a égide do trinômio monitoramento/controle, mobilidade e presença.
3. Desenvolver as capacidades de monitorar e controlar o espaço aéreo, o território e as águas jurisdicionais brasileiras.
4. Desenvolver, lastreado na capacidade de monitorar/controlar, a capacidade de responder prontamente a qualquer ameaça ou agressão: a mobilidade estratégica.
9. Adensar a presença de unidades do Exército, da Marinha e da Força Aérea nas fronteiras (BRASIL, 2008, p. 11-14).

A partir da exposição dessas diretrizes, torna-se visível a importância conferida à proteção das águas jurisdicionais brasileiras para a formulação estratégica nacional. Além disso, os conceitos de controle e monitoramento, apontados várias vezes ao longo do texto, compõem uma parte fundamental no exercício da soberania.

A END descreve sucintamente que o controle será alcançado através de uma reconstituição gradual da Marinha em seus componentes submarinos, de superfície e aeroespacial. A ênfase é conferida aos submarinos (convencionais e nucleares) para a negação do uso do mar, e aos navios, que serviriam como aeródromos, para projeção de poder. Ao mesmo tempo, a Marinha mantém sua visão de desenvolvimento de uma frota de linha vultosa, baseada em conceitos tradicionais de supremacia dos mares e capacidade de projeção, enquanto adiciona elementos tecnológicos contemporâneos, como capacidades de mísseis nos submarinos (NOTHEN, 2013).

Neste contexto, a END incorporou os principais objetivos do pensamento estratégico naval, contemplados por meio da adoção de uma estratégia dissuasória: negação do uso do mar, controle das áreas marítimas e projeção de poder (BRASIL, 2008). Assim, a END contempla elementos da estratégia das Forças Armadas, conformando a estrutura da Defesa aos objetivos da política externa sem, contudo,

confrontar o enraizamento doutrinário já existente nas Forças Armadas, especialmente na Marinha.

A ampliação do entorno estratégico do Brasil representou a justificativa necessária para ampliar também o alcance geográfico da Marinha, possibilitando a afirmação de características oceânicas com projeção de poder sobre terra, uma vez que, como enfatizado por Corbett (2004), o controle da área marítima tem como principal objetivo influenciar os eventos em terra. Considerando a avaliação da interpretação do entorno regional brasileiro, as áreas marítimas estratégicas de maior importância para o Poder Marítimo, em ordem decrescente de prioridade são (PESCE, 2008):

1. A área vital (denominada Amazônia Azul): inclui o Mar Territorial, a Zona Contígua, a Zona Econômica Exclusiva e a Plataforma Continental;
2. A área primária: abrange o Atlântico Sul, definido como a parte compreendida entre o paralelo 16° N, a costa oeste da África, a Antártida, o leste da América do Sul e o leste das Pequenas Antilhas (excluindo o Caribe);
3. A área secundária: abrange o mar do Caribe e o Pacífico Sul, definido este como a área compreendida entre o canal de Beagle, o litoral da América do Sul, o meridiano 85° W e o paralelo do Canal do Panamá;
4. As demais áreas do globo.

Esta nova ampliação do entorno estratégico caracteriza também uma reorientação da política externa, em que a prioridade não mais é a inserção regional do Brasil, mas sim a inserção internacional a ser realizada de forma independente, ou seja, ter meios e recursos para influenciar a dinâmica política internacional e, dessa forma, impor a vontade política brasileira, coincidindo ou não com interesses de outros Estados. Tal objetivo pode resultar em conflitos, para os quais é preparado o poder militar em apoio à expressão da diplomacia, evitando o conflito, ou para repelir um ataque ao território nacional. Baseando-se em um arcabouço teórico específico, o próximo tópico buscará explicar essas dinâmicas de política externa e de defesa brasileira.

#### **4 O BRASIL E O ATLÂNTICO SUL NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE TEÓRICA DOS DESAFIOS E OPORTUNIDADES**

Neste tópico, buscar-se-á elaborar uma contextualização teórica, utilizando-se para isso dos principais conceitos do Realismo Ofensivo, com foco no pensamento

de John Mearsheimer (2001), em conjunto aos conceitos de Poder Marítimo, com foco na Escola iniciada por Julian Corbett (1854-1922), (1911), além de conceitos modernos, como os elaborados por Geoffrey Till (2013). Dessa forma, com a utilização dessas duas bases busca-se formar um arcabouço teórico mais consistente que permita visualizar a conjuntura e os desafios que se impõem ao Brasil no Atlântico Sul.

#### 4.1 Realismo Ofensivo

Para os realistas ofensivos, a estrutura internacional motiva os atores do sistema a buscar obter poder à custa dos demais atores. Potências satisfeitas (*status quo powers*) são raras, pois o Realismo Ofensivo estabelece que a forma mais eficiente de uma potência garantir sua segurança e, conseqüentemente, sua sobrevivência é a maximização do seu poder relativo. Sendo assim, a sobrevivência determina o comportamento agressivo dos Estados. Segundo Mearsheimer (2001, p. 34), a “situação ideal é ser o hegemona do sistema”.

Essa forma de comportamento inerente às grandes potências se dá em função do efeito combinado de cinco premissas da estrutura do sistema internacional, as chamadas “*assumptions*” (pressupostos) estabelecidas por Mearsheimer em *The Tragedy of Great Power Politics* (2001, p. 30-32),

1. O sistema internacional é anárquico, ou seja, o sistema é constituído por Estados independentes que não estão submetidos à autoridade central superior a eles.
2. Grandes potências possuem inerentemente alguma capacidade militar ofensiva, que lhes permite atingir e, possivelmente, destruir umas às outras.
3. Os Estados nunca podem ter certeza sobre as intenções alheias; principalmente, nenhum Estado pode ter certeza de que um outro Estado não usará sua capacidade militar ofensiva para atacar o primeiro; e, de resto as intenções podem mudar.
4. Portanto, a sobrevivência é o objetivo primário das grandes potências.
5. Grandes potências são atores racionais.

Na análise que Mearsheimer faz sobre a dinâmica das estruturas de poder internacional, a hegemonia regional é a única forma de domínio viável que um Estado pode almejar no atual contexto temporal, pois, a outra forma de dominação seria através da superioridade nuclear de um Estado sobre os demais, algo muito improvável atualmente. O autor elabora essa nova conceituação em virtude de seu ceticismo quanto à possibilidade de um Estado vir a se tornar o hegemona global,

pois “um Estado, mesmo substancialmente mais poderoso que os demais, não é uma potência hegemônica, não é um hegêmona, se enfrenta outras grandes potências” (MEARSHEIMER, 2001, p. 83).

Sendo assim, para contextualizar a Teoria e o conceito com a atual conjuntura, o sistema internacional seria dominado por um único país que alcançou a hegemonia do seu continente – especificamente, os Estados Unidos e o seu inquestionável domínio econômico e militar sobre o continente americano. Porém, as capacidades de projeção de poder e influência deste país sobre os demais diminuem à medida que a distância entre eles aumenta. A ascensão de outras potências médias e grandes, principalmente na Ásia, desafia ainda mais as capacidades de dissuasão dos Estados Unidos e a tendência aponta para a acentuação dessa conjuntura.

A lógica que torna improvável o estabelecimento de um Estado como hegêmona global está associada ao fenômeno chamado por Mearsheimer (2001, p. 84), de “*stopping power of water*” (poder parador da água). Este fenômeno, basicamente, aponta que a projeção de poder através de obstáculos como grandes massas de água é uma tarefa desproporcionalmente difícil, comparada a levar a mesma quantidade de forças para combater em território contíguo.

Dessa forma, nem o Estado mais poderoso do sistema internacional tem a capacidade e os recursos para conquistar e ocupar regiões distantes que só podem ser alcançadas por meio marítimo. As grandes potências podem almejar conquistar regiões nas quais estejam inseridas e, no máximo, regiões adjacentes que sejam alcançadas pela via terrestre (MEARSHEIMER, 2001).

Mearsheimer (2001), citado por Diniz (2007, p. 81-82), lista uma série de dificuldades que o *stopping power of water* impõe a qualquer Estado que objetive realizar operações ofensivas contra outro Estado,

1. Os custos são muito altos;
2. Uma parcela substancial dos recursos que poderiam ser concentrados nas forças terrestres tem que ser desviados para o transporte marítimo da força, para o enorme fluxo logístico que sustentará essa força e para a proteção desse transporte e desse fluxo, diminuindo concretamente a efetividade e a eficiência combatente da força;
3. O desembarque das forças em território inimigo a partir do mar põe a força invasora em enorme perigo por tempo demais, implicando uma quantidade enorme de baixas toda vez que elas vierem a desembarcar sob oposição;

4. Uma quantidade de forças muito maior tem que ser transportada do que seria o caso numa invasão por terra, de modo a compensar a grande quantidade de perdas;
5. Menos recursos e menos forças estão disponíveis para proceder à defesa do próprio território do invasor, podendo gerar uma vulnerabilidade que antes não existia;
6. O poder concreto diminui em eficácia conforme a sua necessidade de transpor grandes massas de água.

Consequentemente, o Realismo Ofensivo, em sua análise, tende a valorizar a importância das balanças de poder regionais, pois, em função da existência do fenômeno do *stopping power of water*, os Estados tendem a importar-se mais com as potências regionais do que com as extra regionais. Afinal, uma potência externa de uma determinada região teria, em princípio, muito mais dificuldade em tentar dominar um Estado do que uma potência regional.

Porém, torna-se importante ressaltar que muitos países possuem bases avançadas em espaços geográficos nos quais não estão inseridos. Alguns países de fora da região possuem uma significativa presença ou rápido acesso ao Atlântico Sul, como, por exemplo, o Reino Unido, que possui uma série de territórios insulares que se estendem desde o Canal Inglês até áreas próximas da Antártida, incluindo não apenas as ilhas Malvinas/Falklands, mas também as ilhas de Ascensão e Santa Helena, entre outras, que se encontram em posições estratégicas, no meio do Atlântico Sul, provendo ao Reino Unido pontos militares avançados em uma eventual necessidade (ABDENUR; MARCONDES-NETO, 2013).

Nesse ponto, é interessante contextualizar a teoria com a visão estratégica marítima que o Brasil elabora para os próximos anos. A END, quanto à descrição dos objetivos estratégicos e táticos da Marinha, pontua claramente que o foco do controle de áreas marítimas não é hierarquizado, porém, chama atenção a estruturação das prioridades, estando listada primeiramente a defesa ao petróleo antes da costa e águas jurisdicionais.

A primeira e a segunda prioridades da Marinha, estabelecidas pela END, respectivamente, são a “defesa pró-ativa das plataformas petrolíferas” e a “defesa pró-ativa das instalações navais e portuárias, dos arquipélagos e das ilhas oceânicas nas águas jurisdicionais brasileiras” (BRASIL, 2008, p. 20). Essas linhas de ação demonstram que o Brasil considera muito improvável que qualquer outro Estado extra regional possa vir a desferir ataques, por via marítima, contra o país com o intuito de ocupação de áreas litorâneas.

Porém, essas prioridades não excluem ataques a pontos econômico-estratégicos do país, pois, em concordância com a análise de Mearsheimer (2001), da mesma forma que operações de ataque por via marítima contra alvos terrestres possuem baixas probabilidades de sucesso, esse mesmo tipo de operação contra alvos como plataformas de petróleo e arquipélagos poucos habitados, seria muito eficiente e colocaria o Brasil em dificuldades por inúmeros motivos, sendo um deles, o controle, por parte do país agressor, dos fluxos comerciais que se dão por via marítima e possuem uma importância muito grande na economia nacional.

O Brasil, através dos documentos governamentais de Defesa, reconhece essa lógica, que vai ao encontro da terceira prioridade estabelecida pela END, pondo a Marinha em “prontidão para responder a qualquer ameaça, por Estado ou por forças não convencionais ou criminosas, às vias marítimas de comércio” (BRASIL, 2008, p. 20).

Dito isto, é importante salientar que embora todos queiram ser hegemônicas regionais, poucos o conseguem, pois, para isso, um determinado Estado deve ser consideravelmente mais rico que seus rivais e deve ter as mais poderosas forças armadas da região na qual se insere, pois, obviamente, apenas um Estado pode ocupar tal posição na região. Além disso, se ocorrer de um hegemônica potencial estar efetivamente em posição de iniciar uma ofensiva rumo à supremacia regional, os outros Estados tenderão a se unir para contrabalancear seu poder. Desse modo, um aspirante a hegemônica terá que primeiro reunir as condições materiais para desafiar os demais Estados regionais (MEARSHEIMER, 2001).

Mesmo que o Brasil não seja um aspirante a hegemônica, de acordo com a concepção formulada por Mearsheimer (2001), é inegável que as ações que o país busca implementar possuem o intuito de estabelecê-lo como a principal potência regional. No entanto, a reabilitação naval do Brasil e a estratégia para o Atlântico Sul podem ser vistos como estando em desacordo com o discurso histórico do país de paz e estabilidade. Se a abordagem empregada pelo Brasil passar a ser vista como excessivamente assertiva, essas estratégias também podem, eventualmente, provocar novas dinâmicas competitivas no Atlântico Sul (ABDENUR; MARCONDES-NETO, 2013).

De forma a evitar o estabelecimento de tal quadro, o Brasil, através da END, manifesta-se em praticamente todos os aspectos estratégicos voltados ao contexto internacional, mas, principalmente, sub-regional. Com relação à sub-região, busca

fomentar a interação da América do Sul como forma de colaborar para a Defesa do Brasil, além de fomentar a cooperação militar regional e a integração das bases industriais de defesa, admitindo que essa cooperação é fundamental para diminuir as possibilidades de conflitos tradicionais na região (SAINT-PIERRE, 2010).

A partir de tal quadro e tendo em vista os interesses brasileiros em aumentar sua influência geopolítica na região, o estabelecimento e reforço de instituições e parcerias já existentes, como a ZOPACAS e a UNASUL (União de Nações Sul-Americanas) são essenciais para que o país consiga se estabelecer como uma potência regional capaz de orientar os rumos geopolíticos do Atlântico Sul, tornando-o em um espaço menos suscetível à influência de potências estrangeiras ao mesmo tempo em que mantém seu *status* pacífico e de cooperação. Assim, torna-se importante salientar que tais visões estratégicas do Brasil são políticas que envolvem ações de longo prazo, necessárias para que se estabeleçam concepções regionais que visem promover um ambiente estável de cooperação para os países do Atlântico Sul. O engajamento contínuo do Brasil, como o maior país da região, é essencial para o avanço de tais concepções, pois segundo Stoker (2004, p. 12; tradução livre), “arranjos de segurança coletiva não produzem paz automaticamente, para que tenham sucesso é necessário que seus membros estejam dispostos a apoiá-lo”.

Tais acordos e concepções não eliminarão a possibilidade de militarização da região, ou mesmo o conflito, porém seu estabelecimento faz-se importante para minimizar a lógica anárquica que caracteriza o sistema internacional, principalmente, em um provável contexto futuro onde potências emergentes, como, por exemplo, China e Índia, disputarão zonas de influência com os Estados Unidos. Como afirma Mearsheimer (2001, p. 53; tradução livre) “nenhum acordo de cooperação pode eliminar a lógica dominante da concorrência de segurança. A paz genuína não é provável enquanto a lógica do sistema de Estados continue anárquica”.

## **4.2 Poder Marítimo**

Em primeiro lugar, faz-se necessária a consciência da existência e do exercício do poder marítimo e sua constituição. A definição de Poder Marítimo apresenta uma ampla quantidade de significados na bibliografia sobre o tema, ora poder de guerra naval somente, ora poder naval civil-militar, ora com definição mais ampla,

abarcando os aspectos civis e militares navais, e sua interação com o âmbito terrestre, tanto econômico, em capacidade industrial de produção naval e operação, quanto militar, de interação estratégica. Para os fins deste trabalho, o conceito de Poder Marítimo abarcará a definição mais ampla apresentada acima.

Assim, a maioria dos países tem algum nível de Poder Marítimo e, dessa forma, o aspecto mais importante constitui-se em definir o nível de poder desenvolvido pelos países, justamente em função de este conceito ter um caráter relativo, ou seja, a importância do Poder Marítimo isoladamente não se presta à mensuração, sendo este sempre definido e mensurado a partir da comparação (TILL, 2013). Tal fato não implica que o Poder Marítimo de cada ator evolua de forma similar, pois, “é possível um país ter forte comércio e frota mercante, sem possuir indústrias navais, ou possuir forte Armada sem necessariamente possuir forte comércio marítimo, embora este normalmente não seja o padrão mais comum” (NOTHEN, 2013, p. 10).

Para Corbett (2004), o Poder Marítimo representado pela posse de uma poderosa Marinha de guerra é o que determina a capacidade de controlar os fluxos e linhas de comércio internacionais. Contudo, o poder marítimo importa especialmente enquanto capacidade para proteger suas linhas de comunicações e logística, podendo servir também para atacar e destruir as linhas de comunicações e logística do inimigo. Corbett não trata do poder marítimo como sinônimo de supremacia dos mares, pois, considerava que o comando do mar poderia se diferenciar pela escala de abrangência geográfica, local ou global, além da escala temporal de domínio, temporário ou permanente (OLIVEIRA, 2013).

No mundo pós-Guerra Fria, a globalização vêm modificando a estrutura das operações marítimas. Além de estas ocorrerem mais frequentemente nas regiões litorâneas, a constituição de frotas vem sendo adequada de acordo com a posição dos países no sistema internacional. Till (2013) defende que países mais desenvolvidos tendem a constituir frotas pós-modernas, com função de proteger acima dos países, o sistema internacional. Neste quadro, os países se dividiriam e comporiam marinhas complementares, com base industrial de defesa compartilhada entre eles, para operar em missões de controle dos mares, operações expedicionárias, manutenção da ordem e consenso no mar. No entanto, os países que não atingiram este grau de desenvolvimento e ainda buscam se desenvolver, desconfiam do sistema estabelecido, e temem por sua segurança. Desta forma

tendem a manter suas marinhas sob um paradigma moderno, com frotas capazes de desenvolver todas as funções possíveis, indústria de defesa própria, e baixa dependência dos demais países (TILL, 2013).

A lógica apresentada pelo autor sobre a desconfiança de países em desenvolvimento com relação ao sistema internacional, vai ao encontro daquilo que alguns países, como o Brasil, buscam, à medida que sua importância no cenário internacional cresce, justamente pelo temor com relação ao que países com forças armadas mais estabelecidas possam representar a sua soberania e sobrevivência. Fato que comprova isso são as diretrizes já mencionadas que a END estabeleceu para o desenvolvimento das capacidades da Marinha e da Indústria de Defesa Bélica (IDB), abarcando todos os estágios de desenvolvimento e, dessa forma, diminuindo ao máximo sua dependência externa.

A partir da análise das diretrizes expostas na END, torna-se visível a importância conferida à proteção das águas jurisdicionais brasileiras para a formulação estratégica nacional. Além disso, os conceitos de controle e monitoramento, apontados várias vezes ao longo do texto, compõem uma parte fundamental no exercício da soberania.

A END descreve, sucintamente, que o controle será alcançado através de uma reconstituição gradual da Marinha em seus componentes submarinos, de superfície e aeroespacial. A ênfase é conferida aos submarinos (convencionais e nucleares) para a negação do uso do mar, e aos navios, que serviriam como aeródromos, para projeção de poder.

Em 2012, o Livro Branco de Defesa Nacional complementou esta formulação de pensamento das forças armadas ao expor todos os projetos que compõem o planejamento da Marinha para os próximos anos, com relação ao desenvolvimento e construção de capacidades em solo nacional. Para a execução do reaparelhamento da frota, a Marinha aponta três projetos grandiosos e focados nos diferentes aparelhos desejados, quais sejam, o PROSUB, que visa o desenvolvimento de quatro novos submarinos convencionais e um submarino nuclear; o Programa de Obtenção de Meios de Superfície (PROSUPER), que prevê a construção de cinco navios escolta, cinco navios de patrulha oceânica de 1,8 mil toneladas e um navio de apoio logístico; e o Programa de Obtenção de Navios-Aeródromo (PRONAE), que visa à construção própria ou via parceria de dois navios aeródromos (Porta-Aviões), um para cada esquadra (BRASIL, 2012).

Com relação ao PRONAE, é importante salientar que a constituição de navios-aeródromo, para projeção de poder, aproxima-se de uma visão moderna de marinha visando à supremacia marítima. Porém, tais navios são núcleos de esquadra e não podem atuar solitários sem o desenvolvimento de uma custosa frota de apoio, que não parece ser o planejado nos documentos brasileiros, que mantêm sua ênfase nos aparelhos recomendados para negação do uso do mar ao inimigo, ou seja, os submarinos.

Também neste documento surge como inédita a menção ao Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz) que pretende constituir-se no principal instrumento de comando e controle da Marinha, realizando o monitoramento, vigilância, prevenção à poluição, controle dos recursos naturais, entre outras tarefas. Este grandioso sistema terá uso dual e possibilitará através da articulação de diferentes tecnologias, como por exemplo satélites, radares, Veículos Aéreos não tripulados (VANTs), frota naval de aeronaves etc., controlar todos os movimentos e a exploração nas águas jurisdicionais brasileiras. O sistema tem prazo de implantação para 2024 (NOTHEN, 2013).

Com todos os projetos e desafios apresentados, há uma expectativa de que a incorporação de tecnologias de ponta nas Forças Armadas brasileiras teria dois efeitos automáticos: i) a elevação da capacidade combatente das Forças Armadas brasileiras; e ii) a difusão de instâncias diretas e indiretas de transferência de tecnologia para a sociedade civil brasileira, o que impulsionaria seu desenvolvimento (LONGO, 2007).

Dessa forma, conforme o pensamento elaborado por Till (2013), a Marinha do Brasil mantém sua visão de desenvolvimento de uma frota moderna, renegando as ideias de constituição de uma Marinha pós-moderna como a ilustrada pelo autor. O modelo de desenvolvimento proposto pela END e pelo Livro Branco é baseado nos conceitos tradicionais de supremacia dos mares e capacidade de projeção, porém, ao mesmo tempo adicionando elementos tecnológicos contemporâneos, como capacidades de mísseis nos submarinos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Política Externa brasileira é caracterizada historicamente pelo respeito às normas internacionais como forma de atuação no sistema internacional. A partir das

premissas e conjunturas apresentadas, e buscando prospectar o quadro futuro da região, pode-se afirmar que o Brasil está em busca de revisar algumas concepções tradicionais de sua forma de atuação no cenário internacional. Tal quadro se apresenta, pois essas concepções estariam fundadas ao mesmo tempo numa identidade conciliatória e numa concepção realista a respeito da incapacidade de projeção internacional do poder militar brasileiro.

Com a reformulação das capacidades militares propostas pelos documentos apresentados, principalmente no componente marítimo, o país maximizará suas potencialidades para inserção e projeção de poder no cenário do Atlântico Sul. Dessa forma, torna-se fundamental que a Política Externa acompanhe este desenvolvimento e flexibilize suas concepções históricas sem abandonar o seu caráter conciliatório, ao mesmo tempo em que adquire consciência do novo patamar militar que o Brasil almeja atingir nas próximas décadas.

Dessa forma, é importante ressaltar que o país não deixará de ter atitudes voltadas à conciliação e ao diálogo, mas sim, que deixará de seguir tais linhas de ação apenas por falta de alternativas, meios e capacidades de agir de outra forma. A busca pelo aperfeiçoamento material do poder militar brasileiro servirá para dar alternativas de ação ao país, além de reforçar a soberania nacional e a autonomia internacional, sempre dando significativa ênfase às ações que visem à manutenção da estabilidade regional.

De maneira complementar e também como forma de contrabalancear as ações afirmativas do Brasil voltadas ao estabelecimento das tarefas estratégicas, que constituem-se nos pilares para a formação da Estratégia Marítima, as ações voltadas ao estabelecimento de parcerias com outros países do Atlântico Sul possuem um papel fundamental a desempenhar, pois, caracterizam-se como um meio de engajamento e aprofundamento de laços, podendo cooperar significativamente para moldar o ambiente regional e internacional, de forma a conter, resolver ou evitar possíveis conflitos.

Contudo, para que se possa obter o máximo aproveitamento dessas ações, o Estado brasileiro, através do MD e do MRE, precisa desenvolver uma abordagem sistemática para o estabelecimento da Estratégia Marítima, projetando a integração de forma eficaz com todos os outros aspectos relevantes da Política de Defesa do país.

## ABSTRACT

Brazil, through, mainly, its economic development showcased in the last two decades, has established itself in the international system as an emerging power that intends, along with other countries, to participate in a more active way in the dynamics of the system. In the scope of Foreign Policy and Military Power, the country has been developing an affirmative and pragmatic narrative for its strategic surroundings, with emphasis on the South Atlantic. Thus, the present paper aims, through a bibliographical and documental analysis, at analyzing the components that make this ocean so important for the country and systematizing the evolution of Brazilian thinking on Naval Strategy up to the National Defense Strategy (NDS) of 2008. Allowing, in conclusion, to assert that the joint action of the Foreign Policy and the Armed Forces in the region will constitute the basis for the creation of Brazil's desired political and military leadership in the South Atlantic, based on the assumptions contained in the NDS.

**Key-words:** South Atlantic; National Defense Strategy; Military Power; Foreign Policy.

## NOTAS

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais (UNISC).

<sup>2</sup> Professora de Relações Internacionais (UNISC).

## REFERÊNCIAS

ABDENUR, A. MARCONDES-NETO, D. O Atlântico Sul e a cooperação em Defesa entre o Brasil e a África. In: NASSER, Reginaldo e MORAES, Rodrigo F. (Orgs). *O Brasil e a Segurança no seu Entorno Estratégico: América do Sul e Atlântico Sul*. Brasília: Ipea, 2014.

\_\_\_\_\_. Brazil's Maritime Strategy in the South Atlantic: the nexus between Security and Resources. In: DANE, F. (Org.) *International Security: a European – South American Dialogue*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2013.

ADLER, E; BARNET, M (Eds.). *Security communities*. Cambridge: Cambridge University, 1998.

AMORIM, C. A Política de Defesa de um país pacífico. *Revista da Escola de Guerra Naval*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2012.

BR 1806. British Maritime Doctrine. *Ministry of Defence*. London: HMSO, 2004.

BRASIL. *Livro Branco de Defesa Nacional*. Ministério da Defesa, 2012. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Estratégia Nacional de Defesa*. Ministério da Defesa, 2008. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Estrat%C3%A9gia-Nacional-de-Defesa.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Política de Defesa Nacional*. Ministério da Defesa, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm). Acesso em: 29 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Política de Defesa Nacional*. Presidência da República, 1996.

BRITISH PETROLEUM. *BP Statistical Review of World Energy 2013*. 2013. Disponível em: <[http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/statistical-review/statistical\\_review\\_of\\_world\\_energy\\_2013.pdf](http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/statistical-review/statistical_review_of_world_energy_2013.pdf)> Acesso em: 26 mar. 2014.

BUZAN, B.; WÆEVER, O. *Regions and powers: the structure of international security*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CORBETT, J. *Principles of Maritime Strategy*. New York: Dover Publications Inc., 2004.

COSTA, W. Projeção do Brasil no Atlântico Sul: Geopolítica e Estratégia. *Revista USP*, São Paulo, n. 95, p. 9-22, set./out. 2012.

DINIZ, E. *Política Internacional: guia de estudo das abordagens realistas e da balança de poder*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

FLORES, M. Atlântico Sul: um mar de sutilezas e incertezas. *Humanidades*, Brasília, v. 4, n. 12, p. 37-43, 1987.

\_\_\_\_\_. A importância do Atlântico Sul nas Relações Internacionais. *Política e Estratégia*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1984.

GUERRA, W. O Brasil e a Segurança do Atlântico Sul. *Nação e Defesa*, n. 128, 5.<sup>a</sup> Série, p. 67-76, 2011.

HAYASHI, M. Pré-sal: Desafios e Oportunidades (Um Sonho Possível). *Revista Interesse Nacional*, Ano 6, n. 22, p. 34-41, jul./set. 2013.

- LONGO, W. Tecnologia militar: conceituação, importância e cerceamento. *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 111-143, 2007.
- LUTTWAK, E. *Estratégia: A lógica da Guerra e da Paz*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.
- MARTINS, E. Amazônia Azul, Pré-Sal, Soberania e Jurisdição Marítima. *Revista CEJ*, Brasília, Ano XIV, n. 50, p. 83-88, jul./set. 2010.
- MEARSHEIMER, J. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W.W. Norton, 2001.
- MORE, R. F.; BARBOSA JR, I. (Orgs.) *Amazônia Azul: política, estratégia e direito para o Oceano do Brasil*. Rio de Janeiro: SaG Serv, FEMAR, 2012.
- NOTHEN, M. *Proteção e Desenvolvimento da Amazônia Azul: Análise estratégica de um Projeto Marítimo Brasileiro para o Século XXI*. In: II Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais, Porto Alegre, RS. Anais do II Seminário, 2013.
- OLIVEIRA, E. *Democracia e Defesa Nacional*. Barueri: Manole, 2005.
- OLIVEIRA, L. *A Geopolítica Clássica e as Novas Geopolíticas: Perspectivas para a Defesa da Amazônia, do Pré-Sal e da Integração Regional Sul-Americana*. Textos Preparatórios da I Reunião Temática do Centro de Estudos Estratégicos do Exército Brasileiro: Novas geopolíticas e a Pan-Amazônia, Brasília, DF, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Segurança Energética no Atlântico Sul: análise comparada dos conflitos e disputas em zonas petrolíferas na América do Sul e África*. In: XXXIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, MG. Anais do 33º Encontro Anual, 2009.
- PAGLIARI, G. *Segurança regional e política externa brasileira: as relações entre Brasil e América do Sul, 1990-2006*. Brasília, 2009. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília: Brasília, 2009. Disponível em: <[http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/.../2009\\_GracieladeContiPagliari.pdf](http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/.../2009_GracieladeContiPagliari.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- PEREIRA, A. O Atlântico Sul, a África Austral e o Brasil: Cooperação e Desenvolvimento. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 33-47, 2013.
- PEREIRA, A; BARBOSA, L. O Atlântico Sul no contexto das relações Brasil-África. *Revista Século XXI*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 59-77, jan./jun. 2012.
- PESCE, I. Atlântico Sul: aumento da presença naval norte-americana? *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 128, n. 7/9, 2008.
- QUAINO, L. “Potencial do campo de Libra é 'singular, inimaginável', diz ANP”. Portal G1, 23/05/2013. Disponível em: <

<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2013/05/potencial-do-campo-de-libra-e-singular-inimaginavel-diz-anp.html>> Acesso em: 28 mar. 2014.

SARAIVA, J. *O Brasil e a África no Atlântico Sul: uma visão de paz e cooperação na história da construção da cooperação africano-brasileira no Atlântico Sul*. In: X Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Africanos e Asiáticos, Rio de Janeiro, RJ. Anais do X Congresso, 2000.

SAINT-PIERRE, H. A Defesa na Política Externa: dos fundamentos a uma análise do caso brasileiro. *Observatório Político Sul-Americano*, Rio de Janeiro, n. 8, ago. 2010.

SILVA, Alexandre. Política Externa Brasileira Para os Grandes Espaços: o Espaço Cósmico, a Antártida e a Expansão da Plataforma Continental. *Revista Século XXI*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, jul./dez. 2011.

SILVA, Antonio. O Atlântico Sul na perspectiva da Segurança e Defesa. In: NASSER, Reginaldo e MORAES, Rodrigo F. (Orgs). *O Brasil e a Segurança no seu Entorno Estratégico: América do Sul e Atlântico Sul*. Brasília: Ipea, 2014.

STOKER, D. *Britain, France and Naval Arms in the Baltic 1919-1939: Grand Strategy and Failure*. London: Routledge, 2004.

TILL, G. *Seapower: A Guide for the Twentieth First Century*. New York: Routledge, 2013.

UNITED NATIONS – UN. *United Nations Convention on the Law of the Sea*. New York, 1982. Disponível em: <  
[http://www.un.org/depts/los/convention\\_agreements/texts/unclos/unclos\\_e.pdf](http://www.un.org/depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf)>  
Acesso em: 24 mar. 2014.

VIDIGAL, A. *A Evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

WIESEBRON, M. A Amazônia Azul: Pensando a Defesa do Território Marítimo Brasileiro. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 107-131, 2013.